



# BRASÍLIA-DF

por Denise Rothenburg » deniserothenburg.df@dabr.com.br



## Tasso e Ciro

No Ceará, é voz corrente entre os amigos do senador Tasso Jereissati (PSDB) que, se o ex-governador e ex-deputado Ciro Gomes abrir mão da candidatura para apoiar o tucano, todos os postulantes de centro o acompanharão. Quem abriu esse caminho foi o ex-deputado Eduardo Jorge, que disputou a Presidência da República pelo PV, conforme registrou esta coluna em 14 de abril, na nota "Biden brasileiro".

## Falta combinar

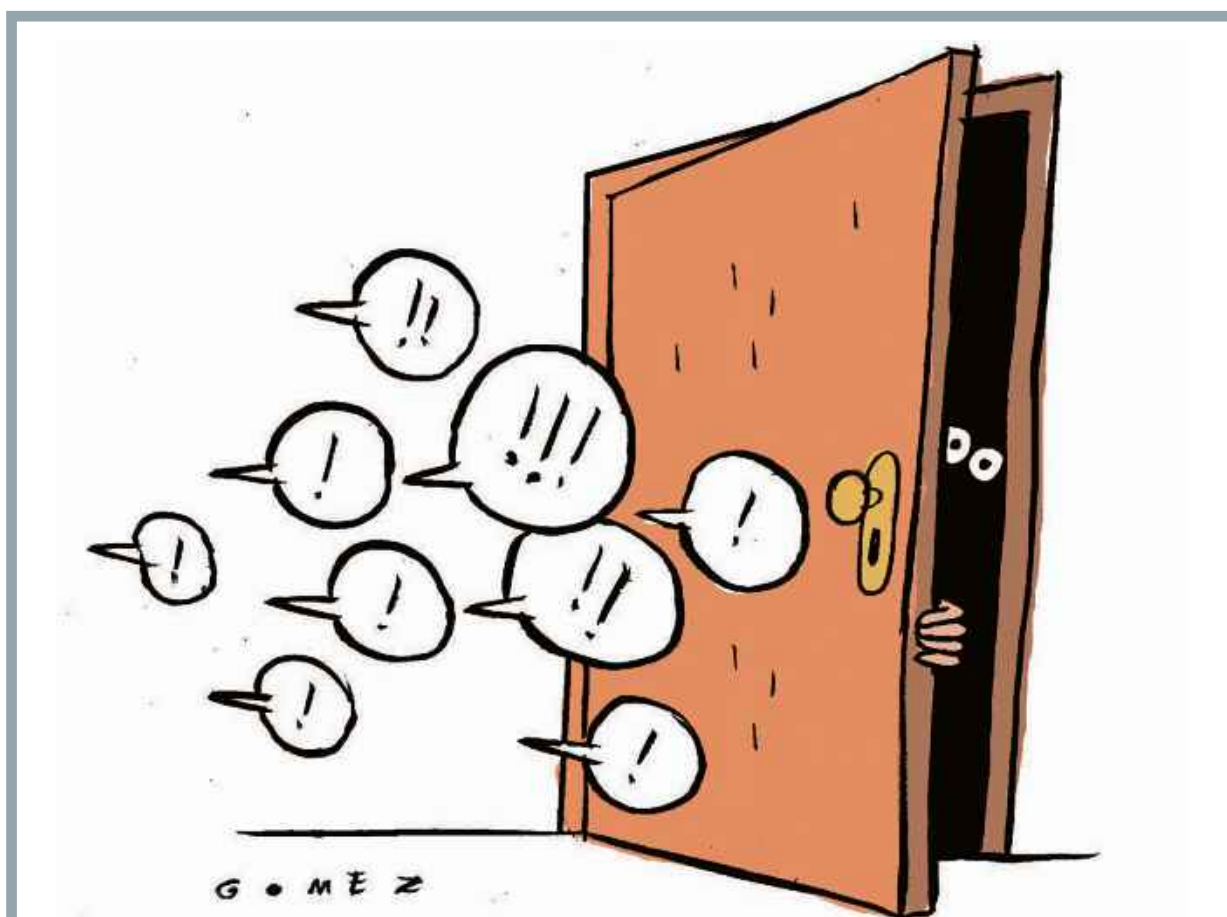
O presidente do partido, Bruno Araújo, reforçou a hipótese da candidatura, mas o problema é que o PSDB não se uniu em torno de Tasso, uma vez que o governador de São Paulo, João Doria, disputará a prévia. Sem união em casa, não tem conversa com outros partidos.

## Esse não sai

A resposta de Ciro Gomes até o momento foi tentar empinar a própria candidatura, com a contratação do marqueteiro João Santana para cuidar da pré-campanha. Alguns consideram que esse movimento levou o pedetista a "queimar a largada". A leitura foi a de que Ciro só aceitará qualquer aliança se estiver na cabeça de chapa. Posição idêntica à do PT de Lula.

## Fortalecido

A área política do governo, leia-se o Centrão, decidiu dar mais lastro ao ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. A ordem é esperar o desenrolar da CPI da Covid, para, aí sim, pressionar por novos espaços no primeiro escalão.



## Pazuello, só depois de receber informações

Quem tem experiência com comissões parlamentares de inquérito já avisou aos integrantes da CPI da Covid que o ex-ministro Eduardo Pazuello não pode ser convocado logo nos primeiros dias. Antes, a comissão precisa ter um cenário seguro do cronograma das vacinas, fazer uma "sessão de cinema" com os vídeos e declarações sobre o tema, coletar documentos e, também, ouvir os fabricantes. O roteiro dos trabalhos, aliás, é considerado crucial pelo futuro relator, Renan Calheiros (MDB-AL).

O governo, por sua vez, monta a própria estratégia focado na perspectiva de virar o canhão da CPI para os governadores, mas não tem hoje maioria para essa guinada. Até aqui, quase todas as ações do governo só levaram à aproximação dos independentes à oposição.

## CURTIDAS

**Te cuida, Guedes!** O apoio do Centrão a Ricardo Salles tem um motivo claro: os partidos ali representados consideram a área ambiental muito problemática. Preferem, se for para ter mudança no governo, pegar um naco do Ministério da Economia, em especial, Indústria e Comércio.

**Onde mora a ambição?** A área industrial é porta aberta para o meio empresarial. E, sabe como é, a um ano da eleição, é o melhor caminho para conseguir alguma ajuda na campanha, ainda que seja via pessoa física.

**Por falar em eleição...** Faltando praticamente um ano para deflagrar de vez a campanha, os deputados hoje preferem mais a liberação das famosas emendas do que um cargo de ministro. O tempo é pouco para conhecer a máquina, os cortes no Orçamento foram grandes e, quando o sujeito conseguir caminhar sem um guia pelo próprio ministério, já estará na hora de sair.



**A senhora do diálogo!** A contar pela agenda da ministra Flávia Arruda nos últimos dias, o governo está resmiendo dedicado a tentar quebrar resistências no Congresso. Dia desses, recebeu a deputada Tábata Amaral (foto), do PDT de São Paulo.

**Hoje tem Oscar.**  
**Mais um motivo para ficar em casa.**

**MEIO AMBIENTE /** Alvo de críticas no Congresso e de ambientalistas, o ministro passou pela reforma feita por Bolsonaro no primeiro escalão da Esplanada, mas avaliação é que o futuro dele no governo depende da notícia-crime apresentada ao STF

# Salles no cargo, por enquanto

» INGRID SOARES  
» SARAH TEÓFILO

Após sobreviver a uma reforma ministerial apesar da pressão pela demissão, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, se mantém no cargo após a Cúpula dos Líderes sobre o Clima na semana passada, convocada pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Nas últimas semanas, Salles vinha se movimentando, com reuniões com diversas autoridades. A visão era de que o ministro precisava entregar algum resultado para que conseguisse continuar no posto. Não houve recurso prometido ao governo brasileiro, como ele e o presidente Jair Bolsonaro pediram, mas o discurso moderado de Bolsonaro surpreendeu positivamente.

Depois da saída do chanceler Ernesto Araújo, uma figura importante na ala ideológica do governo, as apostas se voltaram contra Salles. Araújo já era alvo de muitas críticas pela postura ideológica, rugas com a embaixada chinesa, mas o fator preponderante para sua saída partiu do Congresso Nacional. A situação do ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello foi parecida: o general já era criticado há meses pela condução das ações do governo no âmbito da pandemia, e acabou exonerado após grande pressão do Centrão, apesar de ser uma figura apreciada por Bolsonaro; que cumpria o que o chefe desejava. Enquanto isso, Salles continuou: mesmo após falar em "passar a boiada" e enfrentar o ano de maior queimada do Pantanal, fato que gerou críticas internacionais.

Nos bastidores do Congresso, o que se fala é que havia uma unanimidade em relação às críticas sobre a atuação de Ernesto



**É um antiministro do Meio Ambiente por decisão própria, porque teria todas as condições para ser um bom ministro, mas escolheu fazer o que o chefe manda"**

**Alessandro Molon (PSB-RJ), líder da oposição na Câmara**

Araújo, e que a situação sobre Salles é diferente. A gestão de Salles é rechaçada por ambientalistas, por pessoas ligadas ao agronegócio, como a senadora Kátia Abreu (PP-TO), e pela oposição. Mas as críticas a ele não são unanimidade no Legislativo: além dos parlamentares da base, há quem defenda o ministro. Além disso, conforme um integrante do PP na Câmara na condição de anônimo, não há um nome ou mesmo uma legenda especificamente interessada no cargo do MMA, pasta vista como "espinhosa".

Apesar disso, há diversas críticas a Salles dentro do Centrão. O vice-presidente da Câmara, por exemplo, Marcelo Ramos (PL-AM), já criticou várias vezes a gestão ambiental no governo federal, dizendo que o país corre risco de lidar com barreiras comerciais. Em entrevista ao **Correio**, ele pediu uma ação enérgica do governo em relação ao ministro, alvo de uma notícia-crime apresentada ao Supremo Tribunal Federal (STF) pela Polícia Federal dias antes da Cúpula.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press - 29/7/20



**Salles não é unanimidade dentro da base no Congresso: uns cobram a demissão; outros veem como consolidado**

No mesmo dia em que a peça foi enviada, a PF anunciou a mudança do superintendente da corporação no Amazonas, Alexandre Saraiva. No documento, Saraiva acusa Salles de "organização criminosa" e por tentar "obstar investigação", e disse que o ministro teria atuado para proteger madeireiros ilegais ao apoiar o desmate e tráfico de 200 mil metros cúbicos de madeira. O material está avaliado em R\$130 milhões.

Vice-líder do governo, o deputado Evair Vieira de Melo (PP-ES) da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) defende que Salles está consolidado na Esplanada. "Ele tem posições conhecidas

por nós. A crítica é de quem não é da base do governo, de quem acha que o modelo é outro. Mas ele está tocando a pauta, faz o enfrentamento necessário de algumas agendas", opinou.

O deputado federal e líder da oposição na Câmara, Alessandro Molon (PSB-RJ), ressalta que o suporte ao ministro vem do alinhamento com Bolsonaro e do apoio da bancada ruralista. "Ele faz tudo o que o chefe manda. Tem ainda a bancada ruralista que o apoia e não entendeu o tamanho do prejuízo que ele traz ao agronegócio e às nossas exportações. O agronegócio mais moderno sabe que ele é um proble-

ma, mas o tradicional ainda não entendeu. Vamos continuar lutando para que ele saia. É um antiministro do Meio Ambiente por decisão própria, porque teria todas as condições para ser um bom ministro, mas escolheu fazer o que o chefe manda", apontou.

## Repercussão

Sociólogo e cientista político da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Paulo Baía afirma que, diferentemente de Araújo, Salles tem uma tradição de ocupar cargos públicos, já tendo sido secretário de Meio Ambiente do governo de São

Paulo, na época em que era governador por Geraldo Alckmin (PSDB). Baía afirma que a pressão contra o titular da pasta é grande por parte de uma parcela do agronegócio, que observa os prejuízos internacionais que o país enfrenta com a gestão. Mas que o ministro tem o apoio do setor empresarial de São Paulo, o que ajuda a mantê-lo na posição. "Salles tem uma trajetória na gestão do meio ambiente enfrentando o meio ambiente, que não se inaugurou no governo Bolsonaro", disse. "Ele não é marinheiro de primeira viagem", emendou.

Analista político do portal Inteligência Política, Melillo Dinis afirma que Salles se mantém no cargo por três movimentos: por cumprir a agenda do presidente; por ter apoio de um segmento do agro ligado a madeireiros e grileiros (que trabalham com o ilícito ambiental), e porque não há uma hipótese forte de um substituto. "Salles cumpre uma agenda de desmatador de aluguel com um cinismo que raramente se vê, exceto no próprio presidente, portanto funciona como espelho", diz.

Para o cientista político da Universidade Presbiteriana Mackenzie Rodrigo Prando, Salles mostra-se resiliente. "O ministro tem enorme identificação com o governo, com as ideias do presidente de que a natureza deve ser explorada para gerar recursos econômicos, fora as questões ideológicas. Salles também tem apoio de bancadas no Congresso, mas isso pode mudar. Temos o exemplo da saída do chanceler que em termos de bolsonarismo tinha identificação forte também e foi demitido. Pode acontecer com Salles se a notícia-crime prosseguir e a situação ficar insustentável."